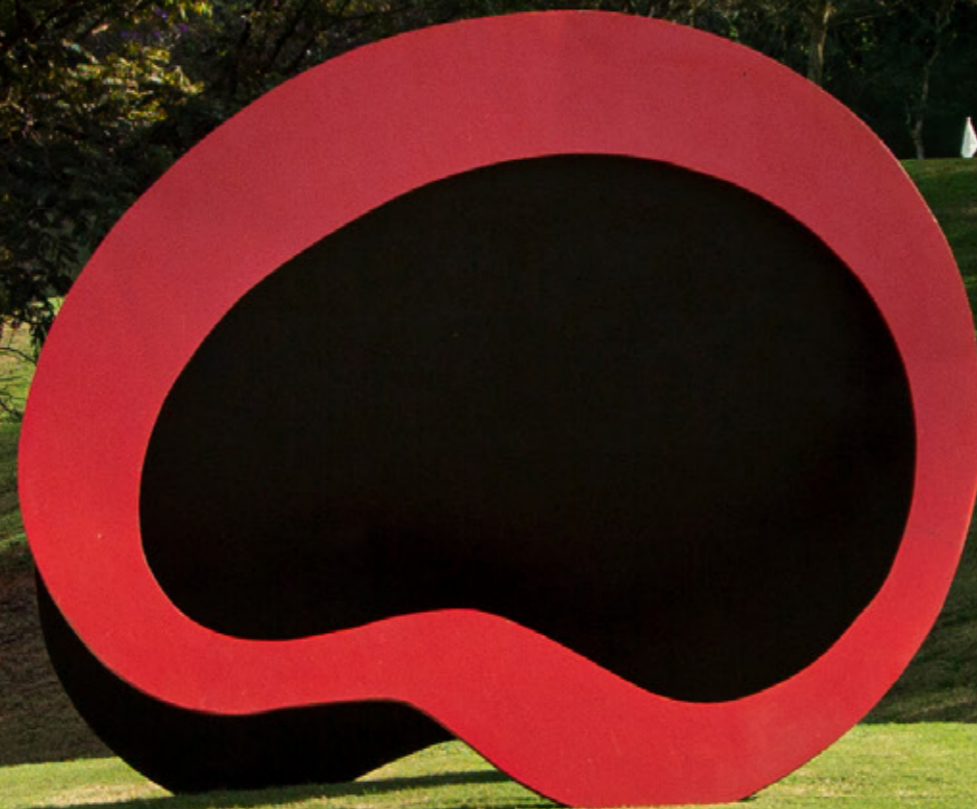


JHSF

galeria

nara

roesler



ar livre
esculturas de
grande escala
na fazenda
boa vista

25 jul - 18 set, 2020

amelia toledo
artur lescher
daniel buren
eduardo navarro
laura vinci
not vital
raul mourão
tomie ohtake

A Galeria Nara Roesler tem o prazer de inaugurar *Ar livre*, exposição de esculturas em grande formato nos jardins da Fazenda Boa Vista. Durante dois meses, a partir de sábado, 25 de julho de 2020, o espaço recebe obras de artistas brasileiros e internacionais. A disposição das esculturas a céu aberto é um convite para explorar a paisagem a partir de obras que propõem, de diversas maneiras, a ressignificação da nossa relação com o espaço.

A instalação de esculturas em espaços abertos acompanha, em diferentes configurações, a própria história da humanidade. Monumentos rituais pré-históricos, obeliscos e pirâmides ou bustos em praças públicas são alguns dos formatos escultóricos que vêm pontuando construções sociais e narrativas simbólicas humanas desde sua origem. Os oito artistas selecionados para integrar a apresentação *Ar Livre* buscam respostas contemporâneas a essa tradição que até hoje habita nosso imaginário. O espectador é convidado a se tornar um observador que não mais apenas vê a obra à distância, mas que pode circundá-la, aproximar-se, interagindo com o trabalho e estabelecendo assim uma relação temporal estendida, uma contemplação ativa dos trabalhos que transformam o próprio espaço que habitam.

O projeto é uma parceria entre a Galeria Nara Roesler e JHSF.

amelia toledo

n. 1926, São Paulo, Brasil | m. 2017, Cotia, Brasil

Amelia Toledo iniciou seus estudos em arte no final dos anos 1930, quando frequentou o Ateliê de Anita Malfatti. Na década seguinte, estuda com Yoshiya Takaoka e Waldemar da Costa. Em 1948 atua com desenho de projetos no escritório do arquiteto Vilanova Artigas. Esse contato com figuras chave da arte moderna brasileira possibilitaram o desenvolvimento de um trabalho multifacetado que faz uso de diversas linguagens como escultura, pintura e gravura. Segundo o curador Marcus Lontra: “A riqueza do trabalho de Amelia é algo próximo ao silêncio: para se compreender essa produção é necessário antes saber que a metade vazia de um copo é tão importante quanto a metade cheia. Nós só conseguimos nos comunicar, porque existe o vazio, o silêncio, o respirar entre uma palavra e outra, entre uma frase e outra. Amélia Toledo investe, e investiga esse espaço, esse momento, essa passagem.”

A produção da artista, a partir dos anos 1970, deixa de lado a gramática construtiva, com uso de elementos geométricos regulares e curvas, e passa a se debruçar sobre formas da natureza. Toledo passa a colecionar materiais variados, como conchas e pedras, que lhe servem de inspiração e sobre os quais realiza algumas intervenções pontuais. A paisagem passa a se tornar um tema fundamental de sua prática, sendo incorporada no trabalho, como nas esculturas com chapas de aço que jogam com a paisagem criando ilusões ópticas. Já a pintura da artista possui inclinações monocromáticas, revelando seu interesse pela pesquisa com a cor.

seleção de exposições individuais

- *Amelia Toledo: Horizontes*, Galeria Marcelo Guarnieri, Rio de Janeiro, Brasil (2017)
- *Amelia Toledo: Olhar atual*, Dan Galeria, São Paulo, Brasil (2013)
- *Amelia Toledo*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2009)
- *Entre, a obra está aberta*, Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), Florianópolis, Brasil (2006)

seleção de exposições coletivas

- Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- 10ª Bienal do Mercosul, Porto Alegre, Brasil
- 30x Bienal: Transformações na arte brasileira da 1ª à 30ª edição, Fundação Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil
- Um ponto de ironia, Fundação Vera Chaves Barcellos, Viamão, Brasil (2011)
- Brasileira MASP: Moderna contemporânea, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2006)

seleção de coleções institucionais

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), São Paulo, Brasil

A simplicidade da composição de ***Caminho das cores do escuro***, trabalho produzido no último ano de vida de Amelia Toledo, é a síntese de décadas de trabalho em diferentes linguagens. A artista, que atuou como escultora, pintora, gravadora e professora, também trabalhou como designer de joias e de projetos, inicialmente no escritório de Vilanova Artigas. Sua prática baseava-se na interação entre forma e matéria a partir de um vocabulário da arte concreta. Em ***Caminho das cores do escuro***, grandes fragmentos de quartzo rosa interagem com uma chapa de aço espelhada. A presença física do material se multiplica na superfície reflexiva. Seu volume parece se ampliar criando uma ilusão espacial que faz convergir as linguagens do pictórico e do escultórico.

Amelia Toledo
Caminho das cores do escuro, 2017
chapa de aço inox espelhada e quartzo rosa
140 x 600 cm
(dimensões podem variar com a montagem)





artur lescher

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Artur Lescher destaca-se no atual panorama da arte contemporânea brasileira por suas obras tridimensionais. Há mais de trinta anos, ele apresenta um sólido trabalho, resultado de uma pesquisa em torno da articulação entre matéria, forma e pensamento. São trabalhos que excedem o caráter de escultura e cruzam as linguagens da instalação e do objeto, a fim de modificar a compreensão destas e do espaço em que se inserem. Ao mesmo tempo que sua prática está atrelada a processos industriais, sua produção não tem por único fim a forma. Ao escolher nomear obras como *Rio Máquina*, *Metamérico* ou *Inabsência*, Lescher sugere narrativas, por vezes contraditórias ou provocativas, que abrem espaço para o mito e a imaginação.

Lescher obteve reconhecimento no âmbito nacional a partir de sua participação na 19ª Bienal de São Paulo, em 1987, onde apresentou *Aerólitos*, obra que consiste no diálogo estabelecido entre dois balões de ar quente, cada um com onze metros de comprimento. Um deles se habitava o interior do pavilhão da mostra, e o outro, a área externa. Ao justapor sólidas estruturas geométricas e materiais resistentes como metal, pedra, madeira, latão e cobre a outros que guardam características de impermanência ou inconstância, como água, azeite e sal, Lescher enfatiza a imponderabilidade, ou “a inquietude”, como observou o crítico e curador Agnaldo Farias em relação a “suas peças, contrariando suas aparências exatas e limpas, passa-nos uma sensação de inquietude, como se nós, espectadores, estivéssemos na iminência de assistir a irrupção de algo, (...), que pode desembocar na violência, no atacameto de materiais, na deformação de um corpo, rastros de uma ação já encerrada.”

seleção de exposições individuais

- *Artur Lescher: suspensão*, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil (2019)
- *Asterismos*, Almine Rech Gallery, Paris, França (2019)
- *Porticus*, Palais d'Iéna, Paris, França (2017)
- *Inner Landscape*, Piero Atchugarry Gallery, Pueblo Garzón, Uruguai (2016)

seleção de exposições coletivas

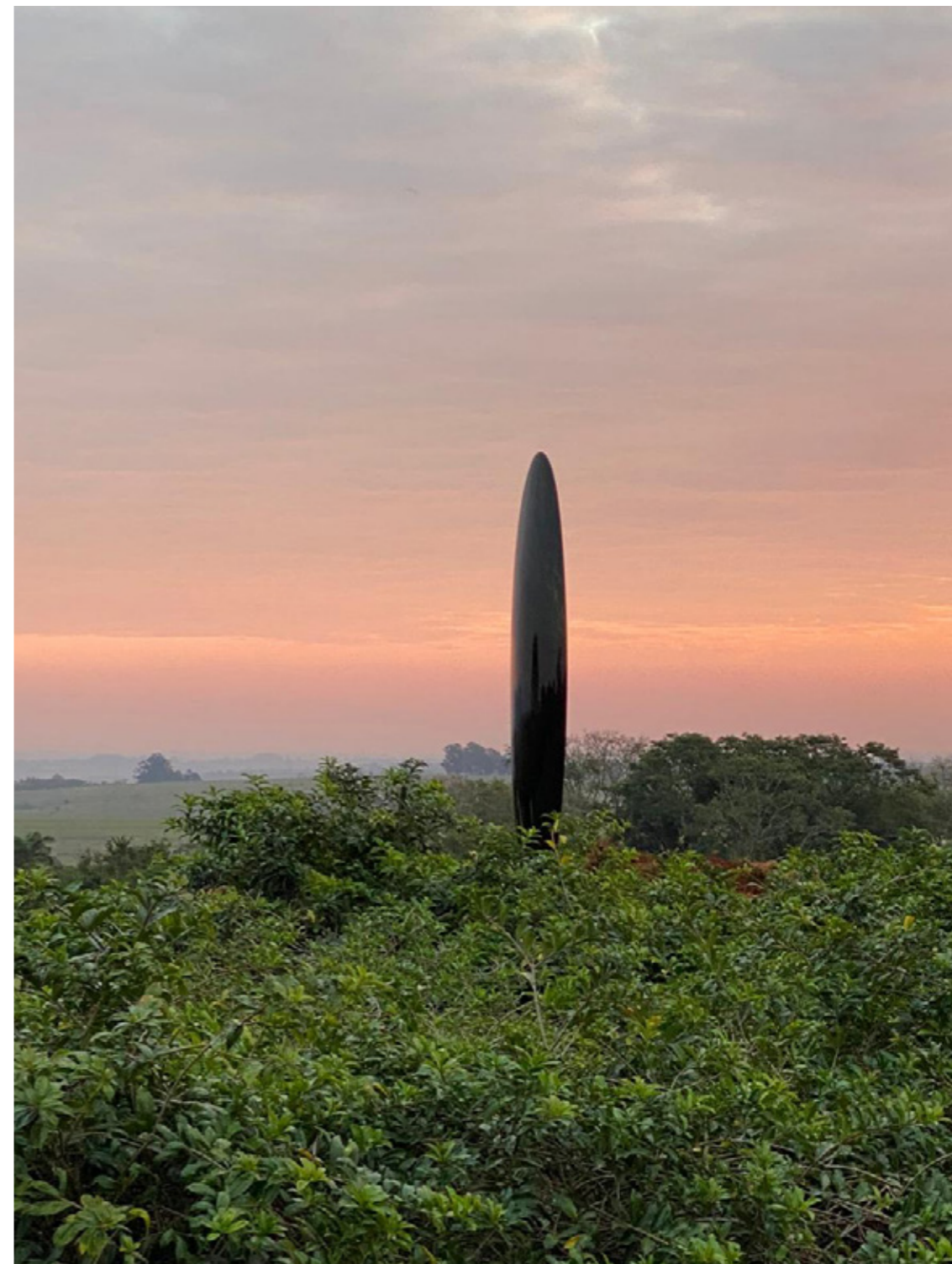
- *Tension and Dynamism*, Atchugarry Art Center, Miami, Estados Unidos (2018)
- *Mundos transversales – Colección permanente de la Fundación Pablo Atchugarry*, Fundación Pablo Atchugarry, Maldonado, Uruguai (2017)
- *Everything you are I am not: Latin American Contemporary Art from the Tiroche DeLeon Collection*, Mana Contemporary, Jersey, Estados Unidos (2016)
- *El círculo caminaba tranquilo*, Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina (2014)
- *The Circle Walked Casually*, Deutsche Bank KunstHalle, Berlim, Alemanha (2013)

seleção de coleções institucionais

- Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), Buenos Aires, Argentina
- Museum of Fine Arts Houston (MFAH), Houston, Estados Unidos
- Philadelphia Museum of Art, Filadélfia, Estados Unidos
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

A **Elipse #09** de Artur Lescher é uma chapa de resina de poliéster cuja superfície é coberta de tinta automotiva preta. O trabalho faz parte de uma série que o artista desenvolve desde o início dos anos 2000. Segundo a curadora e crítica Aracy Amaral essas formas nascem “do corte de fatias, em oblíqua, de um cone. E daí a possibilidade de serem de dimensões diversas, de acordo com sua extração das diversas alturas do cone. Assim, do corte nasce a forma elíptica, agudeza ferina, percuciente, gume, são todos termos que nos ocorrem ao contemplar esse espaço criado (...)”. Esse objeto, pela cor atribuída, acaba criando uma espécie de negativo. O estranhamento causado por essa superfície negra no meio da paisagem captura nosso olhar como se fosse um portal para uma outra dimensão.

Artur Lescher
Elipse # 09, 2008
resina de poliéster
com pintura automotiva
300 x 70 x 35 cm





daniel buren

n. 1938, Boulogne-Billancourt, França | vive e trabalha *in situ*

Daniel Buren é figura central na arte conceitual desde a década de 1960, quanto atuou como membro fundador do grupo BMPT. Amplamente conhecido pelo uso de grandes listras simétricas de cores contrastantes dispostas sobre superfícies ou espaços arquitetônicos. Naquela época, Buren começou a produzir intervenções em lugares públicos sem autorização prévia. Ele começou a distribuir centenas de pôsteres listrados por Paris e, mais tarde, em mais de 100 estações de metrô, o que rapidamente chamou a atenção do público. Não demorou muito para voltar sua atenção para a influência da arquitetura (em especial a de museus) na arte. O artista passou a produzir trabalhos mais tridimensionais e a conceber proposições a partir da modulação do espaço que habitam.

Buren desafia as noções convencionais dos lugares onde a arte pode ser vista e como ela pode ser compreendida. Sua prática instaura um ambiente, não só discursivo, mas físico, no qual o público pode se movimentar dentro e ao redor. Por isso, tornou-se responsável por introduzir a noção de “in situ” nas artes visuais, conceito que caracteriza a prática que conecta o trabalho às especificidades físicas e culturais dos locais onde ele é apresentado. A partir da década de 1990, o artista passa a, literalmente, instalar cores no espaço utilizando filtros e lâminas de vidro ou plexiglas. Desse modo, o trabalho parece invadir nosso espaço - sensação que Buren intensifica pelo uso de espelhos - e convida o espectador a envolver-se com ele com todo seu corpo.

seleção de exposições individuais

- *Daniel Buren. De cualquier manera, trabajos 'in situ'*, Museo de Arte Italiano, Lima, Peru (2019)
- *Like Child's Play*, Carriageworks, Sydney, Austrália (2018)
- *Daniel Buren – Del medio círculo al círculo completo: Un recorrido de color*, Museo de Arte Moderno de Bogotá (MAMBO), Bogotá, Colombia (2017)
- *Proyecciones / Retroproyecciones. Trabajos in situ*, Centre Georges Pompidou Málaga, Málaga, Espanha (2017)
- *Observatory of Lights*, Fondation Louis Vuitton, Paris, França (2016)

seleção de exposições coletivas

- *En plein air*, High Line Art, Nova York City, Estados Unidos (2019)
- *Suspension – A History of Abstract Hanging Sculpture 1918-2018*, Palais d'Iéna, Paris, França (2018)
- *Pedra no céu – Arte e arquitetura de Paulo Mendes da Rocha*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MUBE), São Paulo, Brasil (2017)
- *Forty*, MoMA PS1, Nova York, Estados Unidos (2016)
- *Le Musée qui n'existait pas*, Le Centre Pompidou, Paris, França (2002)

seleção de coleções institucionais

- Centre Georges Pompidou, Paris, França
- Guggenheim Bilbao, Bilbao, Espanha
- Musée d'Art Moderne de la Ville de Paris, Paris, França
- Museum of Contemporary Art, Los Angeles, Estados Unidos
- Museum of Modern Art (MoMA), Nova York, Estados Unidos
- San Francisco Museum of Modern Art (SFMOMA), San Francisco, Estados Unidos
- Tate Modern, Londres, Reino Unido

A cabana explodida: homenagem a Oscar Niemeyer, do artista francês Daniel Buren, é uma construção de metal com filtros coloridos que, instalada ao ar livre, cria um ambiente que dialoga com a tradição arquitetônica modernista, marcada pelo uso de estruturas modulares e materiais industriais. Como o próprio título comprova, o trabalho é uma homenagem não só a esse estilo, mas a um dos seus principais expoentes no Brasil e no mundo. Os projetos de Buren, assim como os de Niemeyer, modificam a paisagem com formas visuais de forte potencial estético. A cabana explodida interfere não só no ambiente, mas também no modo como o visitante o percebe, pois a paisagem passa a ser vista através das múltiplas cores presentes na estrutura e que não existiam naturalmente naquele espaço. A interação entre a cor artificial proposta pelo artista e a cor natural da paisagem faz surgir, ainda outras possibilidades cromáticas sempre transitórias de acordo com a posição do espectador e da luz.

Daniel Buren
Photo-souvenir: **A cabana explodida: homenagem a Oscar Niemeyer, trabalho situado**, 2015
filtros coloridos transparentes e vinil translúcido sobre plexiglas transparente e incolor, estrutura de metal
310 x 850 x 850 cm





eduardo navarro

n. 1979, Buenos Aires, Argentina, onde vive e trabalha

Desde o início dos anos 2000, Eduardo Navarro produz instalações, performances, esculturas, desenhos e objetos capazes de provocar novas possibilidades de percepção sobre o mundo que nos rodeia a partir da experiência sensível. Cada projeto é um estudo de caso, o que lhe permite investigar formas de pensar e sentir estranhas à experiência humana, partindo da análise dos modos de operar de outras espécies. Para tanto, torna-se necessário recorrer ao auxílio de especialistas de diferentes áreas. Navarro propõe mudanças em diversos níveis de consciência de modo a proporcionar transformações em estados sensoriais, possibilitando novas compreensões sobre o que se considerava conhecido e sobre as formas como experienciamos a realidade e o tempo.

Seu trabalho investe na multidisciplinaridade – transitando entre as ciências, espiritualidade, medicina, arqueologia e ecologia – e na integração entre linguagens. Suas instalações e esculturas, para além do interesse formal que despertam, podem ser usadas pelo público ou por profissionais contratados em performances ou ativações. O grande desafio é tornar o próprio artista, espectador e obra o objeto mesmo daquilo que está sendo investigado. Busca-se, assim, instaurar um estado mental que explore formas não racionais de comunicação, excedendo o limite da linguagem verbal. É notável, ainda, a trama entre projeto e processo, identificável nos seus desenhos, que servem como esboços para as suas proposições, ao mesmo tempo que portam autonomia expressiva.

seleção de exposições individuais

- *Em colaboração com o sol*, Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC Niterói), Niterói, Brasil, (2019)
- *Into Ourselves*, The Drawing Center, Nova York, Estados Unidos (2018)
- *OCTOPIA*, Museo Rufino Tamayo, Cidade do México, México (2016)
- *We Who Spin Around You*, High Line Art, Nova York, Estados Unidos (2016)

seleção de exposições coletivas

- *Chronos Cosmos: Deep Time, Open Space*, Socrates Sculpture Park, Nova York, Estados Unidos (2019)
- *Metamorphoses – Let Everything Happen to You*, Castello di Rivoli Museo d'Arte Contemporanea, Turin, Itália (2018)
- *Océans - Une vision du monde au rythme des vagues*, Le Fresnoy – Studio national des arts contemporains, Tourcoing, França (2018)
- *Fishing for Islands*, Hamburger Bahnhof, Berlim, Alemanha (2017)
- SeMa Biennale Mediacity Seoul 2016, Seoul Museum of Art (SeMa), Seul, Coreia do Sul (2016)

seleção de coleções institucionais

- Colección Banco Société Générale de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina
- Museo de Arte Moderno de Buenos Aires (MAMBA), Buenos Aires, Argentina
- Sharjah Art Foundation, Sharjah, Emirados Árabes
- Thyssen-Bornemisza Art Contemporary, Viena, Áustria

Cloud consulate, do argentino Eduardo Navarro, por sua vez, serve como um espaço de refúgio e observação. Apresentada pela primeira vez em 2019, na inauguração do *Open Space*, projeto da SP-Arte, a escultura funciona como um instrumento óptico, híbrido de periscópio e caleidoscópio. Os espelhos nas paredes internas dessa estação de observação do céu permitem que o espectador que ali entrar possa não só admirar o céu, mas sentir-se rodeado por ele. Nesse sentido a instalação torna-se, como é comum na prática do artista, um veículo sensorial próprio para se fazer alçar o público a outros estados mentais a partir de um certo estado de comunhão com entes e fenômenos da natureza.

Eduardo Navarro
Cloud consulate, 2019
espelho, vidro, vinil espelhado e mdf
edição de 3 + 2 PA
290 x 350 x 100 cm





laura vinci

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Laura Vinci é conhecida por sua produção em escultura, instalações de grande porte e intervenções. Sua pesquisa está baseada nas relações entre corpo e espaço, tendo como tônica a efemeridade. Em sua prática, o espaço desponta como um organismo complexo, mediador das relações entre os diversos corpos que o compõe e habitam, sem deixar de ser suscetível à constante passagem do tempo. Suas propostas buscam, justamente, investigar os processos de movimento ou alteração da matéria, evidenciando a transitoriedade dos elementos que ocupam determinado local, assim como estimular o público a ter novas percepções sobre o ambiente ao seu redor.

Vinci iniciou sua carreira em meados da década de 1980 dedicando-se, primeiro, à pintura. Nesse momento, suas telas não se voltavam à figuração, mas tentavam realizar o quase tridimensional. Em seguida, passou a se concentrar na escultura. O interesse pelas mudanças de estado da matéria aparece em sua poética tanto pela noção de erosão – como na intervenção conhecida como “ampulheta”, desenvolvida para o projeto *Arte/Cidade 3* (1997), em São Paulo – quanto através da ideia de condensação, que se realiza no seu trabalho com serpentinas de refrigeração que formam palavras congeladas. Essas características também se fazem presente em seu trabalho como diretora de arte no teatro. Vinci já colaborou com projetos de cenografia e figurino no Teatro Oficina. Atualmente, trabalha com a mundana companhia.

seleção de exposições individuais

- *mundana +: Medeamaterial*, mundana cia, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2019)
- *Todas as Graças*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Papéis Avulsos*, Art Center/South Florida, Miami, Estados Unidos (2014)
- *Carpe Diem Arte e Pesquisa*, Lisboa, Portugal (2010)
- *Warm White*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2007)

seleção de exposições coletivas

- *O rio dos navegantes*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art*, São Paulo, Phoenix Art Museum, Phoenix, Estados Unidos (2017)
- *Exposición 13*, La Conservera, Murcia, Espanha (2014)
- *Beuys e bem além, ensinar como arte*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2011)
- 26ª Bienal de São Paulo, São Paulo, Brasil (2004)

seleção de coleções institucionais

- Inhotim, Instituto de Arte Contemporânea, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

Na tradição da História da Arte, o tema das Três Graças está relacionado à representação do corpo feminino. Tendo sido amplamente reproduzido, em estilos tão diversos quanto os de Rafael, Rubens, Canovas e Maillol, tornou-se, acima de tudo, o símbolo de uma imagem que atravessou gerações. As várias leituras que Laura Vinci realizou sobre o assunto repousam, principalmente, numa investigação formal em que a matéria também exerce uma importante função. Em as Duas Graças de Vinci, a configuração fluida e voluptuosa das formas curvilínea dos trabalhos cria uma ponte entre as vênus pré-históricas e a gramática formal construtiva, passando pela era clássica ao eleger o mármore como material.

Laura Vinci
Duas graças, 2016
mármore
82 x 85 x 100 cm (cada)





not vital

n. 1948, Sent, Suíça

vive e trabalha entre Sent, Suíça; Pequim, China e Rio de Janeiro, Brasil

Not Vital é reconhecido por sua prática baseada no intenso contato com a natureza e na adoção de um estilo de vida nômade. Sua produção normalmente provoca percepções inusitadas, frequentemente de surpresa ou estranhamento, ao deslocar para o contexto artístico formas próprias da natureza ou elementos característicos de regiões remotas, muitas vezes alterando sua escala e materialidade. Desde o começo dos anos 1980, o artista articula escultura – recorrendo, muitas vezes, a processos colaborativos com artesãos – à construção de espaços, diluindo os limites entre arte e arquitetura e estabelecendo uma íntima relação com o contexto cultural local. De fato, em seu trabalho, os objetos alteram nossa percepção tanto do ambiente em que se situam, seja pela reflexividade do material ou pelo seu posicionamento, quanto das estruturas arquitetônicas do espaço, que fogem da linguagem usual, tornando-se verdadeiras esculturas habitáveis.

Vital desenvolve também obras em pintura e desenho que dialogam com os assuntos presentes em suas propostas escultóricas e arquitetônicas. Os materiais empregados são os mais diversos, indo dos mais simples e perecíveis – café, sal, ovo – até os mais valiosos e duradouros – mármore, prata e ouro. Desde o final dos anos 1990, ele instala construções de caráter permanente em diversos lugares como Agadèz (Níger), Patagônia chilena (Chile) e Paraná do Mamori (Brasil). Lém de seus chamados habitats, dentre os quais se destaca House to Watch the Sunset, essas construções incluem escolas, pontes ou túneis.

seleção de exposições individuais

- *Not Vital: Scarch*, Hauser & Wirth, Somerset, Reino Unido (2020)
- *Let One Hundred Flowers Bloom*, Galerie Andrea Caratsch, St. Mortiz, Suíça (2019)
- *Let One Hundred Flowers Bloom*, Ateneum, Helsique, Finlândia (2018)
- *Not Vital. Saudade*, Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2018)
- *Not Vital*, Yorkshire Sculpture Park, Wakefield, Reino Unido (2016)

seleção de exposições coletivas

- *Passion: Bilder von der Jagd*, Bündner Kunstmuseum Chur, Chur, Suíça (2019)
- *Surrealism Switzerland*, Aargauer Kunsthau, Aarau, Suíça (2018)
- *Illumination*, Louisiana Museum of Modern Art, Humlebæk, Dinamarca (2016)
- *Simple Forms: Contemplating Beauty*, Mori Art Museum, Tóquio, Japão (2015)

seleção de coleções institucionais

- Bibliotheque Nationale, Paris, França
- Kunstmuseum Bern, Berna, Suíça
- The Museum of Modern Art, Nova York, Estados Unidos
- Solomon R. Guggenheim Museum, Nova York, Estados Unidos
- Toyota Municipal Museum of Art, Aichi, Japão

Tongue [Língua], do artista suíço Not Vital, é uma estrutura de mais de cinco metros de altura em aço inox espelhado, que emerge no terreno e incorpora em si a paisagem ao refleti-la. Estabelece-se um diálogo com a forma do obelisco, monumento comemorativo cuja origem se encontra no Egito Antigo. Temos a impressão de nos depararmos com uma miragem, pois a paisagem, no espaço daquele corpo escultórico, se distorce e se revela. Vital constituiu sua prática a partir da relação com a natureza. Seus objetos alteram nossa percepção tanto do ambiente em que se situam quanto das estruturas arquitetônicas do espaço.

Not Vital
Tongue, 2018
aço inox
507 x 104 x 124 cm





raul mourão

n. 1967, Rio de Janeiro, Brasil, onde vive e trabalha

Expoente de uma geração que marcou o cenário carioca dos anos 1990, Raul Mourão é reconhecido por sua produção multimídia, composta por desenhos, gravuras, pinturas, fotografias, vídeos, esculturas, instalações e performances, na qual se destaca seu olhar sempre permeado pelo senso de humor crítico sobre o espaço urbano. Inspirado pela paisagem metropolitana (inicialmente a carioca), o artista cria a partir de observações do cotidiano, desenvolvendo propostas que transitam entre o documental e a ficção. Suas obras, constituídas por materiais diversos queressignificam os elementos visuais da cidade, estimulam reflexões sobre o espaço e o corpo social.

Mourão iniciou sua produção artística na segunda metade da década de 1980, participando de exposições a partir de 1991. Realizou em 1989 os primeiros registros fotográficos sobre grades de proteção, segurança e isolamento presentes nas ruas do Rio de Janeiro, o que resultou em sua conhecida série *Grades*. A partir dos anos 2000, a pesquisa foi desdobrada e resultou em esculturas, vídeos e instalações. Desde 2010, Mourão expandiu as referências para outras estruturas modulares de formas geométricas próprias do contexto urbano, realizando esculturas e instalações cinéticas de caráter interativo, que podem ser acionadas pelo público. Entre outros aspectos, o artista estabelece por meio dessas obras uma associação entre a problemática da violência urbana implícita nas obras anteriores e a preocupação formalista com o equilíbrio estrutural.

seleção de exposições individuais

- *Fora/Dentro*, Museu da República, Rio de Janeiro, Brasil (2018)
- *Você está aqui*, Museu Brasileiro de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2016)
- *Please Touch*, The Bronx Museum, Nova York, Estados Unidos (2015)
- *Tração animal*, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil (2012)
- *Toque devagar*, Praça Tiradentes, Rio de Janeiro, Brasil (2012)

seleção de exposições coletivas

- *Coleções no MuBE: Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz – Construções e geometrias*, Museu de Ecologia e Escultura (MuBE), São Paulo, Brasil (2019)
- *Modos de ver o Brasil: Itaú Cultural 30 anos*, Oca, São Paulo, Brasil (2017)
- *Mana Seven*, Mana Contemporary, Miami, Estados Unidos (2016)
- *Brasil, Beleza?! Contemporary Brazilian Sculpture*, Museum Beelden Aan Zee, Haia, Países Baixos (2016)
- Bienal de Vancouver 2014-2016 - Open Borders Crossroads Vancouver, Vancouver, Canadá (2014)

seleção de coleções institucionais

- ASU Art Museum, Tempe, Estados Unidos
- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de Niterói (MAC-Niterói), Niterói, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil

As esculturas de Raul Mourão, ***Hourglass*** e ***The Flag***, propõem movimento pelos jardins da Boa Vista. A pesquisa que culminou na construção desses elementos partiu da observação e inquietações do artista a respeito de grades de segurança e demais estruturas urbanas que servem para dividir os espaços públicos e privados. Na construção poética de Mourão o que vemos são estruturas em metal em um equilíbrio que, a princípio parece frágil. Inaugura-se assim a dicotomia entre peso e leveza, violência e delicadeza, que faz o público oscilar, assim como as esculturas.

Raul Mourão
Hourglass, 2020
aço corten
465 x 350 x 250 cm





Raul Mourão
The Flag, 2020
aço corten
300 x 350 x 250 cm

tomie ohtake

n. 1913, Kyoto, Japão | m. 2015, São Paulo, Brasil

Uma das principais representantes da arte abstrata no Brasil, Tomie Ohtake nasceu em Kyoto, Japão, em 1913, e se mudou para o Brasil em 1936. Sua carreira artística teve início aos 37 anos quando se tornou membro do grupo Seibi, que reunia artistas de descendência japonesa. No final da década de 1950, ao deixar para trás a fase inicial de estudos figurativos na pintura, mergulhou em explorações abstratas. Nessa fase, realizou a série conhecida como *pinturas cegas* em que suprimia a visão para experimentar e desafiar as ideias fundamentais do movimento neoconcreto brasileiro, trazendo à tona em sua prática sensibilidade e intuição.

Em 1957, convidada pelo crítico Mário Pedrosa, ela realizou uma primeira exposição individual no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), que culminou, quatro anos depois, em sua participação na Bienal de São Paulo de 1961. Ohtake começou a experimentar vários métodos de impressão durante os anos de 1970 e, já no final da década de 1980, executou projetos esculturais de grande escala assim como esculturas públicas em São Paulo e nas cidades vizinhas. Tendo trabalhado até o fim na vida, Tomie Ohtake faleceu em 2015, aos 101 anos de idade.

seleção de exposições individuais

- *Tomie Ohtake: cor e corpo*, Caixa Cultural Brasília, Brasil (2018)
- *Tomie Ohtake: nas pontas dos dedos*, Galeria Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2017)
- *Tomie Ohtake 100-101*, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil (2015)
- *Pinturas Cegas*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2013)

seleção de exposições coletivas

- *Contemporâneo, sempre – Coleção Santander Brasil*, Farol Santander, São Paulo, Brasil (2019)
- *Surface Work*, Victoria Miro, Londres, Reino Unido (2018)
- *Arte moderna na coleção da Fundação Edson Queiroz*, Museu Coleção Berardo, Lisboa, Portugal (2017)
- *The World is our Home. A Poem on Abstraction*, Para Site, Hong Kong, China (2015)
- *Fusion: Tracing Asian Migration to the Americas Through AMA's Collection*, Art Museum of the Americas, Washington, Estados Unidos (2013)

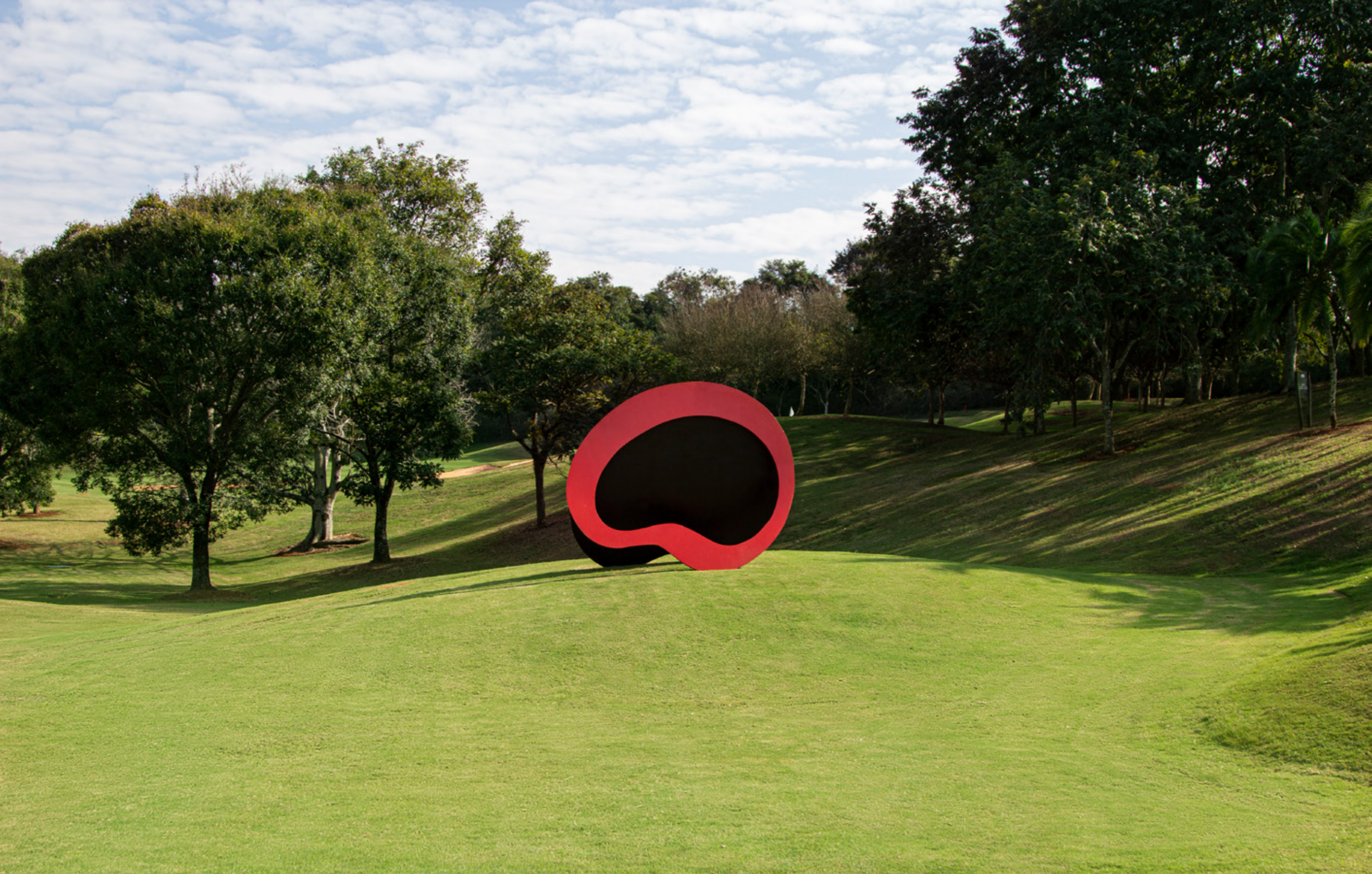
seleção de coleções institucionais

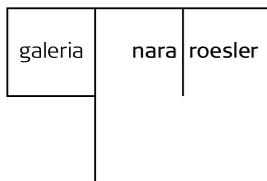
- Dallas Museum of Art, Dallas, Estados Unidos
- Colección Patricia Phelps de Cisneros, Caracas, Venezuela
- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio), Rio de Janeiro, Brasil
- M+, Hong Kong, China
- Tate Modern, Londres, Reino Unido
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, Brasil

Tomie Ohtake, artista nipo-brasileira, possui diversas obras públicas espalhadas pelo país e, em especial, pelo estado e pela cidade de São Paulo, lugar que elegeu como sua morada. **Sem título** é um imponente trabalho da artista que faz convergir sua linguagem gráfica e escultórica. Desde 1983 a artista realizou projetos para o espaço público. As esculturas eram realizadas em aço posteriormente recoberto por uma camada de tinta sólida. O uso de planos e linhas curvas trazem leveza para o material, como se pode conferir em **Sem título** que, ao ser observada de longe, parece constituir um plano inserido em meio a paisagem. Apenas com a proximidade o público pode constatar a sobreposição que constitui a escultura. Um primeiro plano recoberto de tinta negra é emoldurado por um segundo, em forma de linha, pintada de vermelho.

Tomie Ohtake
Sem título, 1995 – 2002
tinta automotiva sobre metal
edição única
296 x 354 x 132 cm







ar livre

esculturas de grande escala na fazenda boa vista

uma parceria entre
galeria nara roesler e JHSF

fazenda boa vista

25 de julho a 18 de setembro, 2020

Ar Livre é uma mostra situada
em um condomínio privado.
O acesso é restrito a moradores
e convidados.

www.nararoesler.art
info@nararoesler.art

são paulo

avenida europa 655
jardim europa 01449-001
são paulo sp brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241
ipanema 22421-030
rio de janeiro rj brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

22 east 69th street 3r
new york ny 10021 usa
t 1 (212) 794 5038